

Abadia Cisterciense de Itaporanga – 75º ano de Fundação

19º Domingo do Tempo Comum (A)

Leituras: 1Reis 19,9a.11-13a; Romanos 9,1-5; Mateus 14,22-23

“Naqueles dias, o profeta Elias entrou numa caverna, onde passou a noite. E eis que a palavra do Senhor lhe foi dirigida nestes termos: ‘Sai e permanece sobre o monte, diante do Senhor’.”

Caros Padres e Irmãos da comunidade de Itaporanga, Caros Irmãos e Irmãs,

Esse episódio do profeta Elias exprime um aspecto essencial da nossa vida e vocação. Tudo inicia com uma “palavra do Senhor”. O que pede essa palavra? “Sai e permanece sobre o monte, diante do Senhor”.

Elias entrou em uma caverna para passar a noite. É normal para um ser humano buscar refúgio e repouso, proteção e tranquilidade, sobretudo quando chega a noite, o frio, o perigo e a fadiga do dia se faz sentir.

Mas é justamente ali que o Senhor o toca com o seu chamado, e esse chamado o convida a sair dessa situação normal, do refúgio e do repouso em que Elias se encontra só, para ir ao encontro d’Ele. Deus pede a Elias para sair e permanecer na sua Presença. A proteção e a paz que cada homem busca naquilo que lhe oferece a natureza, a engenhosidade e a força humanas, Deus faz Elias buscar na sua Presença. Elias deve sair da caverna para encontrar-se sem proteção, na escuridão da noite, diante de uma misteriosa Presença que lhe oferece proteção e paz. Esse é um dos mais belos ícones da vocação monástica de todos os tempos.

Mas o que é essa Presença? E que proteção e paz oferece ao homem se o chama a sair dos refúgios que lhe são habituais, sólidos e seguros como uma caverna na rocha? Elias intui que só essa mesma divina Presença pode revelar Quem Ela é. Elias então sai e se detém, sai de si mesmo e se põe diante d’Aquele que deseja manifestar-se.

Deus porém põe à prova o estar de Elias diante de Si. Elias saiu da caverna, não está mais protegido. Está exposto, sem defesas. Tem apenas a palavra, o chamado, que o Senhor lhe dirigiu. Entretanto é ali, impotente e frágil, sem proteções humanas e naturais, que o Senhor passa, e passando provoca como que três falsos alarmes da sua Presença, três sinais violentos, que dão medo e impõem dura prova à fragilidade que Elias escolheu por obedecer o Senhor: um vento impetuoso e forte, que desfazia as montanhas e quebrava os rochedos, um terremoto, um fogo. Todas as vezes, o Senhor não estava nesses fenômenos. Porém, quem não seria tentado diante disso a fugir, a escapar em direção a um refúgio seguro, a voltar a proteger-se na caverna?

Mas por que Deus, passando, provoca sinais e fenômenos que nos tentam a fugir para longe d'Ele? Elias o compreende só permanecendo parado, estável, apesar de tudo, até o ponto em que se cumpre a revelação de Deus. Elias compreende só no momento em que Deus revela verdadeiramente a Si mesmo, e só a Si mesmo. Elias compreende apenas quando, ao final, ou melhor, ao cume da revelação do Senhor, ouve “o murmúrio de uma leve brisa”. Essa é a verdadeira e própria revelação de Deus. É assim que Deus está verdadeiramente presente e se pode verdadeiramente estar na sua visão, encontrando n'Ele proteção e paz.

Essa cena nos diz que Deus verdadeiramente se revela na nossa vida quando não temos mais medo d'Ele, ainda que estejamos impotentes, sem proteção, nus como Adão se reconheceu depois do pecado. É só quando Deus não nos causa mais medo, quando lhe permitimos que nos fale com a doçura de uma leve brisa, que estamos verdadeiramente na Sua presença. Perceber a presença de Deus como o murmúrio de uma leve brisa, quer dizer que já estamos protegidos por Ele, que já é Ele que nos dá a paz. “Estou tranquilo e sereno, como uma criança nos braços de sua mãe”, diz o Salmo 130. O “murmúrio de uma leve brisa”, percebido por Elias, é como o alento de uma mãe que beija o seu filho, estreitando-o a si, sussurrando palavras de conforto em uma noite de trovões e raios.

Mas é o Evangelho de hoje a exegese definitiva da teofania ao profeta Elias. “Coragem! Sou eu. Não tenhais medo!”, diz Jesus aos discípulos apavorados. Também eles veem o vento, a tempestade, o balançar perigoso da barca, e têm medo. Têm medo também de Jesus, que caminha sobre as águas, porque o confundem com uma presença ameaçadora, com um fantasma que vem para causar dano.

Ao contrário, Jesus os impeliu a sair da barca sem Ele precisamente para poder revelar a eles a sua presença doce e serena, que protege do perigo e do mal. É Jesus, Jesus mesmo, a teofania definitiva, a definitiva revelação de Deus em um murmúrio de leve brisa, o último e definitivo abraço paterno e materno de Deus para o homem temeroso, desconfiado, abandonado a si mesmo e a todas as ameaças e medos do mundo e da vida. É para encontrar Jesus Cristo então que Deus nos chama a sair da nossa caverna, para descobrir o mistério da sua Presença.

De fato, Pedro o faz: sai da última segurança em meio ao mar em tempestade, da sua barca, para ir ao encontro da revelação de Deus em Jesus que caminha sobre as águas. Mas intui também que esse sair e ir em direção a Ele é possível só se Ele nos chama: “Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água”. E Jesus diz: “Vem!”.

Sim, Pedro sai da barca como Elias saiu da caverna. Cada um de nós deve sair da sua segurança para encontrar Deus que se apresenta a nós. Cada um de nós deve sair da sua confiança, orgulhosa ou temerosa nas próprias forças e proteções, para ir na direção d'Aquele que só pode proteger e salvar a nossa vida.

Mesmo quando já caminha sobre as águas, Pedro deve ainda decidir sair da sua falta de fé para gritar: “Senhor, salva-me!”. E também ali, Deus se revela em uma mão que te segura, como a mão de uma mãe à qual o filho que aprende a caminhar se apóia para não cair.

“Homem fraco na fé, por que duvidaste?”

Também nessa pergunta, nessa leve repreensão, continua a murmurar a brisa leve da revelação de Deus.

“Por que duvidaste?” Pedro não tem resposta. Não há nunca razão para duvidar de quem nos ama; não há nunca razão para duvidar do amor de Cristo. Pode-se duvidar de quem nos dá medo, de quem nos faz mal. Mas por que duvidar da doçura de Cristo, da misericórdia de Jesus? Cada um de nós encontra-se sempre de novo sem palavras, sem resposta, diante do misericordioso olhar do Senhor que nos pergunta por que duvidamos d’Ele.

E então, naquele espaço de silêncio descobrimos, como Pedro, que uma só coisa fere o Coração de Cristo: a desconfiança, a descrença. Mas também isso nos faz ouvir com contrição o quanto Ele nos ama, o quanto nos é amigo, e o quanto seja importante para Ele a nossa amizade.

“Por que duvidaste?” Essa pergunta não é um julgamento, não é uma condenação. É a pergunta de um amigo ao seu amigo, a expressão da tristeza de um amigo que não encontra confiança naquele que ama. Deveremos repetir-nos sempre essa pergunta de Jesus para deixar-nos voltar sempre de novo à confiança n’Aquele que nos ama e tem sede do nosso amor, da nossa confiança.

Caros Coirmãos de Itaporanga, caros Irmãos e Irmãs, se nestes dias podemos festejar o jubileu de 75 anos de fundação desta Abadia, é nisso que devemos pensar. Quem fundou esta comunidade, quem viveu convosco durante esses 75 anos, todos de um modo ou de outro saíram da sua segurança para estar na presença de um Deus misterioso que se revelou e se revela não ser outro que Amor, que Misericórdia, um coração doce e humilde que sempre de novo pede a nossa confiança, porque sempre de novo nos oferece a sua amizade. E é esse mistério que permite um caminho, de 75 anos ou mais, porque só assim nenhuma queda, nenhuma infidelidade, nenhum medo é razão suficiente para duvidar e deter-se, ou para afundar sem pedir salvação. Porque ninguém pode nunca ser mais forte que a brisa leve da amizade de Cristo.

*Pe. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral O.Cist.*